

QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, EM SALA DE AULA: OLHARES PARA AS MULHERES NEGRAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

SALA DE DESALOJO, POR CAROLINA MARIA DE JESUS, EN EL AULA: MIRA A LAS MUJERES NEGRAS EN LA SOCIEDADE BRASILEÑA

 <https://orcid.org/0000-0001-8343-2965> Roseane Maria de Amorim ^A
 <https://orcid.org/0000-0002-1455-8940> Alba Cleide Calado Wanderley ^B
 <https://orcid.org/0000-0002-5872-4349> Luciélío Marinho da Costa ^C

^A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

^B Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

^C Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

Recebido em: 20 abr. 2021 | Aceito em: 05 out. 2021

Correspondência: Roseane Maria de Amorim (roseanemamorim@gmail.com)

Resumo

Trata-se de um artigo em formato de relato de experiência sobre o uso do livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e sobre as discussões voltadas às mulheres negras que compõem a história, invisibilizadas nos currículos da educação básica e do ensino superior. Explicita-se que as histórias das mulheres negras estudadas em sala de aula foram reinterpretadas através de manifestações artísticas. Objetiva-se apresentar aos discentes em formação, caminhos que permitam novos olhares para o currículo e para a prática docente. Compreende-se que as vivências de formação precisam questionar o modelo educativo atual, uma vez que este não mais atende às demandas de uma sociedade que vive em constante transformação, permeada por conflitos diversos.

Palavras-chave: Cordéis; Favela; Mulheres Negras; Violência.

Resumen

Se trata de un artículo en forma de relato de experiencia sobre el uso del libro *Quarto de Despejo* de Carolina María de Jesús y sobre las discusiones dirigidas a las mujeres negras que componen la historia, invisibles en los currículos de la educación básica y superior. Se explica que las historias de mujeres negras estudiadas en el aula fueron reinterpretadas a través de manifestaciones artísticas. El objetivo es presentar a los alumnos en formación, caminos que permitan nuevas perspectivas sobre el currículo y la práctica docente. Se entiende que las experiencias formativas necesitan cuestionar el modelo educativo actual, ya que este ya no responde a las demandas de una sociedad que vive en constante transformación, permeada por diferentes conflictos.

Palabras clave: Cordel; Barrio Bajo; Mujeres Negras; Violencia.



Abrindo a porta do quarto

A força da mulher encontra-se na sua capacidade de criar espaços jamais imagináveis em meio ao caos. Vivemos em uma sociedade em que a violência está infiltrada por todos os lados de maneira, às vezes, quase imperceptível.
Roseane Amorim

Vivemos em uma sociedade em que a opressão está em toda parte. A violência em relação à mulher, especialmente a mulher negra, é assustadora em nosso país. Essa violência ocorre fisicamente, mas também de forma simbólica. Contudo, ao longo dos diversos períodos históricos, as mulheres foram à luta em busca de condições de vida e de respeito às diferenças. O Brasil é marcado por um contingente enorme de mulheres comandadas por homens. Nessa perspectiva, as mulheres não são educadas para estarem em um posto de comando. Embora muita coisa tenha mudado, a nova geração, notadamente as meninas negras, não se veem capazes de ocupar altos cargos na sociedade brasileira, nem mesmo de alcançar espaços em que possam ter melhores condições de vida. Desde pequenas, vivenciam preconceitos e, na maioria das vezes, estão submetidas à condição de vida precária, sem expectativa de rompimento do ciclo da pobreza, violência e preconceitos. Nesse cenário, podemos observar, a partir dos dados estatísticos que seguem, a violência a qual marca a população negra em nosso país. Vejamos a imagem 1:

Imagem 1 – Violência contra a população negra no Brasil.



Fonte: Dados apresentados na disciplina Fundamentos Socio-históricos da Educação no ano de 2020.
Disponível em: <https://ibge.gov.br>. Acesso em: 10 de março de 2021.

Conforme mostram os dados acima, a violência sofrida pela população negra é muito maior do que a violência sofrida pela população branca e esses dados não podem ser omitidos dos educandos e das educandas. Para que tenhamos um país com mais equidade social é preciso que todos, brancos e negros, estejam conscientes da desigualdade social existente e busquem coletivamente saída para essa problemática.

No tocante às mulheres, como afirma a epígrafe acima, a força feminina encontra-se na capacidade de criar e buscar alternativas em meio a uma sociedade tão excludente para essa população. Diante desse fato, a educação escolarizada é o melhor espaço para a produção de conhecimento e para que as futuras gerações possam conhecer mulheres negras as quais fizeram parte de nossa história e possam se identificar com elas.

Com base nessa premissa indagamos: até que ponto as novas gerações conhecem a atuação de mulheres negras em nossa história, em diversos tempos e espaços? O trabalho sobre mulheres negras no ensino superior, em cursos de licenciatura, tem mostrado que há um total desconhecimento por parte dos estudantes. Esse fato indica a necessidade de rever essa situação e de repensar a educação no Brasil.

É com esse intuito que, no primeiro momento do texto, apresentaremos de forma sucinta algumas considerações sobre a obra intitulada *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em consonância com a história de Carolina Maria de Jesus. Logo depois, apresentaremos alguns trabalhos que poderão ser realizados nos Anos Finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior, com o objetivo de promover reflexões em diferentes áreas do conhecimento. Essas sugestões pautam-se no trabalho com cordéis sobre a história de mulheres negras e que precisa ser reinventado em sala de aula.

Esperamos não desenhar margens fixas no artigo, visto que outros horizontes precisam ser pensados, construídos e criados. Sendo assim, nosso intuito é contribuir de alguma forma com o debate da temática na escola e na universidade brasileira, visto que essa discussão se encontra praticamente ausente nos currículos da educação básica e do ensino superior.

Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus: o que podemos aprender? O que podemos ensinar?

Há algo de errado neste mundo chamado Brasil. Vivemos em busca de uma justiça social que cada dia parece mais distante de nós. Somos um povo que perdeu o rumo da própria história. As lições dos nossos ancestrais, talvez,

*possam indicar um caminho em meio aos desertos
atravessados pela nossa alma.*
Roseane Amorim

Quarto de despejo: diário de uma favelada é uma obra essencial, portanto, não deveria estar ausente nas leituras dos nossos educandos e nossas educandas, desde os anos finais do ensino fundamental, passando pelo ensino médio e, principalmente, perpassando os cursos de licenciatura. Defendemos a ideia de que essa obra não deveria fazer parte apenas do ensino de literatura, visto que apresenta um cunho histórico, sociológico, antropológico e literário fundamental para a formação dos/as estudantes. Ele é um retrato social das condições de vida da população brasileira, em especial da mulher negra, permeada pela violência de toda ordem. Como afirma a epígrafe, conhecer nossa ancestralidade feminina, em diferentes tempos e espaços e como elas lutaram por uma sociedade mais justa e igualitária é um legado que não podemos negar às novas gerações.

O livro, que evidencia as precárias condições de vida da população brasileira, divide-se em três partes: 1- apresentação; 2- prefácio, produzido pelo jornalista Audálio Dantas; 3- capítulos (narrativas diárias), abrangendo o período de 15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960. De leitura fácil e clara, mas com reflexões profundas, faz o leitor mergulhar nos problemas sociais brasileiros e analisar a difícil tarefa de educar uma sociedade marcada por violência de toda ordem, no espaço/tempo macro e micro.

Como consta na apresentação, a obra “relata a amarga realidade dos favelados na década de 1950: os costumes dos seus habitantes”, a violência dentro e fora da favela, a miséria e a fome que permeiam a vida das pessoas e das mulheres, especialmente as negras (JESUS, 2014, p.257). O livro relata do início ao fim a luta pela própria existência e como é difícil sair desse ciclo de miséria. De acordo com Perpétua (2014, p. 257), a obra retrata “a fome, as brigas, a sujeira, o alcoolismo, o abandono social.” Em uma das suas falas, Carolina de Jesus mostra esses conflitos ao afirmar:

[...] tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irão me respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que estou agindo acertadamente, peço-te para dizer. – Muito bem, Carolina! (JESUS, 2014, p. 74).

Percebemos que sua escrita é terapêutica. Ela vai conversando com ela mesma e com o leitor, concomitantemente. O diário manifesta, ao mesmo tempo, uma representatividade individual, mas também coletiva. No dizer de Perpétua (2014, p. 265), “convém lembrar que esta é uma forma de luta também marginal, já que utilizando o código linguístico comum, sua escrita remete continuamente, em forma, tanto quanto em conteúdo, ao seu lugar de origem”. Portanto, é uma literatura que se diferencia pelo seu caráter de engajamento social, cultural, econômico e político.

A história da vida de Carolina, como a história de qualquer ser humano, passa por fases e momentos diversos. Como neta de uma pessoa que foi escravizada, nasceu no início do século XX, em 1914. Viveu em Sacramento, Minas Gerais. Era praticamente autodidata. Foi para São Paulo na década de 1930, no auge do processo de imigração. Trabalhou como empregada “doméstica”, mas, ao se tornar mãe, não pôde continuar, pois as patroas não permitiam que levassem filhos para o trabalho. O caminho encontrado por Carolina foi ser catadora de lixo, ferro velho e tudo que ela pudesse encontrar para vender e converter em dinheiro para matar a fomeⁱ. Como afirma Perpétua (2014, p. 262), “com o pouco dinheiro arrecadado pela venda do lixo, ela compra os gêneros com que sobrevive. É o lixo que lhe fornece, também, o suporte da inscrição de sua escrita, os cadernos semiusados, além de seu tema constante.”

Como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é uma obra narrativa de cunho biográfico escrita em primeira pessoa, possui marcas da oralidade e, ao mesmo tempo, de erudição por meio da linguagem metafórica. Perpétua (2014, p. 259) afirma que a escrita de um diário é “[...] essencialmente solitária, [...] é a concretização de um desejo de intimidade do escritor consigo próprio.” Sendo assim, Carolina Maria de Jesus, apesar de ter estudado somente até a antiga segunda série (hoje 3º ano do ensino fundamental), retrata a sua vida na favela de Canindé, na cidade de São Paulo, como uma mulher negra, catadora de lixo, mãe solteira, que faz da leitura e da escrita o caminho para a sua libertaçãoⁱⁱ.

Apesar do pouco estudo, Carolina era uma mulher politizada e empoderada, que se posiciona por meio dos seus escritos, fazendo uma leitura da realidade social, da atuação dos políticos da época, da vida cotidiana e miserável na favela. Em sua escrita, Carolina deixa claro que ela escrevia porque precisava denunciar aos políticos as condições miseráveis de vida dos favelados (JESUS, 2014). Ante a letargia da nossa fala, calamos indiferentes à realidade em que as pessoas são desumanizadas pela fome, seu dizer ecoa em forma de escrita de maneira

dura e cruel. É uma denúncia do descaso com a vida, sendo dita por uma pessoa que vive essa realidade por dentro, no despejo da cidade.

A obra narra o abandono social, os conflitos com os vizinhos, seu isolamento na comunidade e as intrigas vividas; retrata a violência contra a mulher e o porquê da sua escolha de ser mãe solteira, com filhos de pais diferentes. O personagem principal das histórias contadas é a fome, que aparece nas suas narrativas com a cor amarela que dilacera a vida das pessoas (JESUS, 2014). Nessa obra é retratada a representatividade da mulher negra, marginalizada social e culturalmente.

O livro é o resultado da junção de 38 cadernos que o jornalista Audálio Dantas transformou na referida obra. Contudo, Ana Carolina Maria de Jesus tem outros escritos, tais como romances, provérbios, peça de teatro e poesias, poucos conhecidos pela sociedade brasileira. A fome de Carolina era também existencial. A fome da sua alma era que ela fosse capaz de dizer sua palavra, de ser ouvida, de ter uma vida digna. Logo, o que seus escritos podem ensinar? Os relatos biográficos, de certa forma, não são, apenas, a narração da vida de uma pessoa. Por meio dessa literatura, podemos aprender sobre o passado e repensar o futuro. Além disso, ao longo da nossa formação, estudamos, na maioria das vezes, autores brancos como Graciliano Ramos, Eça de Queiroz, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, entre outros (SILVIA MARIA, 2021). A literatura produzida pelos povos negros e indígenas está praticamente ausente em nossos currículos. Portanto, o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* pode trazer muitos ensinamentos para educandos e educadores, basta que estejamos abertos para aprender.

Desenvolver o sentimento de pertencimento, ajudar no trabalho com a autoestima, aprimorar as potencialidades e a criatividade e promover uma educação dialógica são ações fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem. Quem sabe as lições dos nossos ancestrais, talvez, possam indicar um caminho em meio aos desertos atravessados pela nossa alma. Essas lições mostram, a princípio, a identidade construída pelo sentimento de pertença. Em seguida, a educação dialógica contribui para o entendimento da história da etnia negra, pois “todo o pertencimento é, assim, uma recíproca escuta na diferença, e toda identificação se dá no comum-pertencer, com acento forte no ato de pertencer” (SODRÉ, 1999, p. 38).

Partimos desse conhecimento sobre “pertencimento”, em que o negro se apropria de sua cultura, história e memória como “pertences” para a afirmação dessa identidade. Apropriar-se do que lhe pertence, mas que historicamente é negado, significa construir novas possibilidades

de ser africano, de ser afro-brasileiro, tornando-se protagonista da sua própria cultura, história e memória, no cotidiano das lutas coletivas e da afirmação identitária do “ser” afro-brasileiro / mulher negra.

Os ensinamentos traçados a partir das escrevivências de Carolina de Jesus, em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, passam a apontar um conhecimento que evoca uma origem que reside em um passado histórico e de vida com o qual continuariam a manter certa correspondência. Esse conhecimento tem a ver, entretanto, com a utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção, não daquilo que “nós somos”, mas daquilo no qual “nos tornamos”. Relacionam-se, não tanto, com as questões acerca de “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com questões sobre “quem nós podemos nos tornar” (HALL, 2000, p. 109).

Mulheres negras em sala de aula: olhares para a nossa história por meio dos cordéis

*Da favela também nascem muitas flores. Do lixo, vem
o alimento para várias famílias. A vida insiste em
viver em meio ao caos e à morte. Da violência que
marca gerações e produz muita dor e desesperança,
nascem sempre pessoas corajosas que marcam a
nossa história, deixando um legado imensurável às
futuras gerações. Isso se chama vida...*

Roseane Amorim

A vida insiste em viver em meio ao caos e a morte. Esse é o retrato da realidade de grande parte do povo brasileiro. E esses brasileiros, quando conseguem chegar à escola, estão marcados pela fome, violência e desrespeito em diferentes níveis. Por isso, ensinar algo a essas pessoas exige que o professor e a professora façam com eles a leitura crítica do mundo, a partir da realidade que se apresenta (FREIRE, 2000).

A capacidade de aprender em diferentes níveis é o que distingue o ser humano dos outros animais. Contudo, quando falamos em ensino e aprendizagem, temos que levar em consideração múltiplos fatores e não, apenas, o fator cognitivo. As questões emocionais são essenciais no processo de aprendizagem. Podemos afirmar que a fragilidade emocional como a baixa autoestima, problemas no sono, condições sociais e preconceito racial, entre outras situações, acarretam danos à aprendizagem das pessoas que acabam não conseguindo estabelecer conexão entre as informações e a sua vida, dificultando o processo de concentração. Por tudo isso, os conteúdos que serão trabalhados precisam ser significativos para que os

indivíduos possam fortalecer sua identidade e se virem como sujeito histórico. Nesse contexto, Elizabete Costa (2005) faz uma crítica ao modelo educacional atual e sinaliza um novo modo de pensar a educação. Vejamos:

O homem não nasceu humano, mas se tornou humano num constante processo de aprendizado, marcado por evoluções, adaptações e construção cultural. A educação contribuirá com a ‘aprendizagem da compreensão e da lucidez’ e na ‘mobilização de todas as aptidões humanas’. Condições estas que, segundo Morin, devem ser continuamente regeneradas. Infelizmente, no sistema educacional, as tradicionais estruturas curriculares e suas divisões em departamentos (ou áreas) e disciplinas têm promovido a fragmentação do conhecimento, desintegrando o processo educativo e a própria visão do ser humano e de suas aptidões. Torna-se necessário resgatar ‘a condição humana como o objeto essencial de todo o ensino’. Uma vez que o/a educador/a apenas transmite informações e mostra um mapa para a aprendizagem e que o conhecimento é construído pelo/a próprio/a educando/a, é necessário considerar seriamente a complexidade humana, bem como a complexidade do próprio processo educativo no século XXI (COSTA, 2005, p. 154).

Todo educador precisa perguntar, primeiramente, para que educamos. Qual a finalidade dessa educação escolarizada que ofertamos? Brandão (2007, p. 7) afirma que nós educamos “para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver”. A finalidade da educação não é unicamente preparar para o mercado de trabalho, até porque, no sistema em que vivemos, não há emprego para todas as pessoas. A crise recente pela qual estamos passando, desde 2020, em virtude da pandemia da Covid-19ⁱⁱⁱ, mostra-nos a necessidade de educar para um tempo de incertezas, mas, para isso, precisamos de uma inteligência emocional fortalecida e de pessoas que acreditem na sua capacidade de criar, de inovar, e, acima de tudo, que cuide de si, do outro e do Planeta Terra (MORIN, 2000). Dessa forma, a educação escolarizada precisa fazer sentido para os educandos e educandas levando-os a pensar sobre sua vida. Morin (2000) indica a necessidade de pensarmos em uma educação considerando-se a unidade e a diversidade no processo formativo. Assim, afirma o autor:

Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno (p. 55).

A exclusão não é realizada no momento em que percebemos o outro como diferente, mas quando lhe negamos as condições de igualdade, os mesmos direitos que nos tornam humanos e cidadãos. Não devemos lutar por igualdade étnico-racial, pois isso é impossível de acontecer. O que devemos fazer é garantir a esses sujeitos as mesmas condições de direito à educação, à moradia, à saúde, ao trabalho, ao lazer e, principalmente, às condições para expressar essas diferenças étnico-raciais, de gênero e culturais na sociedade brasileira.

É com base nessa premissa que trabalhamos com os estudantes dos cursos de licenciatura o papel das mulheres na construção da nossa história, especialmente o papel das mulheres negras, que tiveram sua vida contada em forma de cordéis (ARRAES, 2017). Abaixo, apresentamos algumas dessas mulheres.

Quadro 1 – Cordéis de mulheres negras que marcaram nossa história.

Grupos	Cordéis – mulheres negras
Grupo 1	Antonieta de Barros
Grupo 2	Aqualtune
Grupo 3	Carolina Maria de Jesus
Grupo 4	Dandara
Grupo 5	Esperança Garcia
Grupo 6	Maria Firmina dos Reis
Grupo 7	Tia Ciata
Grupo 8	Maria Felipa de Oliveira
Grupo 9	Mariana Crioula
Grupo 10	Eva Maria do Bonsucesso.

Fonte: Os/as autores, a partir de Arraes (2017).

No primeiro momento, trabalhamos com a turma sobre o que é um cordel por meio de uma apresentação. Assistimos a um vídeo intitulado *O que é a literatura de cordel* (OBEID, 2014) e apresentamos a história e a origem do cordel. Por fim, discutimos a importância da literatura de cordel para o campo da educação. Após o debate, dividimos a turma em grupos, ficando responsável pela apresentação de um cordel de forma criativa (teatro, música, vídeo, etc.) de acordo com o calendário estabelecido.

Segundo Grilo e Lucena (2014, p. 92):

Os folhetos de cordel apresentam como uma linguagem pertinente e interessante capaz de promover debates, questionamentos, despertar o imaginário e a reflexão dos educandos, assim como instigar a capacidade cognitiva dos mesmos. Assim,

propomos aqui o folheto de cordel como uma ferramenta pedagógica que promove conhecimento nas aulas de História, e nesse sentido estamos apresentando como possibilidade de diálogo entre o presente na sala de aula e o passado.

O trabalho com os cordéis tem como objetivo, além de discutir a questão histórica, social e política do nosso país, vivenciar uma leitura coletiva com a literatura da nossa região e apresentar as mulheres negras que, ao longo da história, foram invisibilizadas. Ao término da disciplina, os educandos e as educandas tiveram a oportunidade de conhecer essas protagonistas femininas de maneira criativa, além de promover a pesquisa e a autonomia dos estudantes. No início, eles ficam sem compreender bem o que se pretendia com os cordéis e o que realmente precisam fazer. Somente aos poucos as dúvidas foram sendo dissipadas.

Na universidade, a estética não é vista como elemento essencial na formação de professores e professoras conforme já sinalizamos. Compreendemos a estética como lugar de partida e de chegada de questionamentos do *status quo*. Conforme Revel (2005, p. 44), “o tema da estética da existência como produção inventiva a si mesmo não marca, entretanto, um retorno à figura do sujeito soberano” apolítico. Ao contrário, o sujeito é marcado pela atuação política no mundo, lendo e expressando a realidade com diferentes linguagens (OLIVEIRA, AMORIM, PIZZI, 2018). Sobre os folhetos de cordel, Grilo e Lucena (2014, p. 88) salientam que:

Os folhetos de cordel, através de suas narrativas, contam acontecimento de um dado lugar e tempo, convertendo-se em memória, documento e registro da História do Brasil. Podemos perceber os folhetos de cordel como um discurso da realidade, como uma prática cultural que pode contribuir para uma série de representações de um período histórico.

Os folhetos contam histórias mediante uma linguagem simples e, ao mesmo tempo, retratam uma realidade social de um dado momento histórico a partir de inúmeras reflexões do cordelista. Tanto o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como os cordéis são documentos que relatam fatos sociais e histórias de diferentes perspectivas. Entendemos que a finalidade da educação é mostrar as contradições da nossa realidade. Nas palavras de Gomes (2006, p. 27):

O homem é produto de uma relação dialética com o meio, ou seja, constrói e é construído no contexto das relações com a natureza e com a vida social e, nesse processo, interfere e, ao mesmo tempo sofre interferências. É nesse contexto que nós, seres humanos, lidamos com dilemas universais: o mistério da morte, a capacidade de fazer escolhas, e, por conseguinte, a possibilidade de errar. Nesse sentido, a caminhada da humanização pode ser entendida como um percurso de heteronomia para autonomia, tanto no nível da história humana quanto do próprio indivíduo.

No caso da formação do professor e da professora para o ensino superior voltado, unicamente, para a pesquisa, poucas vezes o estético representa um elemento essencial na formação e por isso precisa entrar como linha mestra no trabalho pedagógico. Por outro lado, as pesquisas sobre mulheres negras na pós-graduação em Educação também são escassas, propiciando um grau de desconhecimento por parte daqueles que vão trabalhar na docência nesse grau de ensino. Nos currículos de História, Sociologia e Filosofia, as mulheres estão praticamente ausentes ao longo do tempo. Como assinala Perrot (2007, p. 15-16),

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas das múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais.

As mulheres são tomadas como protagonistas da sociedade brasileira. Suas lutas, desafios e conquistas mostram as múltiplas faces dos caminhos trilhados ao longo dos espaços e tempos diversos. Por sua vez, Perpétua (2014, p. 255) explicita que a estética e a escrita na literatura “[...] nunca foi uma questão pacífica, se contarmos que a própria demarcação do campo ficcional, [...] vai de encontro aos aspectos essenciais de algumas obras assim consideradas”. Esse campo é considerado superior em relação à estética crua e nua da realidade social. Nos últimos anos, essas questões têm sido discutidas de maneira a mostrar a importância desses dois mundos. Tanto a linguagem erudita como a popular representam formas de expressar do ser humano.

No caso da discussão voltada para Ana Carolina Maria de Jesus, além da apresentação do cordel, é interessante fazer a leitura e apresentar fragmentos do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* para refletir sobre a realidade atual e aquela do passado. A dura realidade de pessoas que vivem na periferia de uma cidade e a luta pela superação da desigualdade social em nosso país é uma temática necessária para a compreensão da nossa história e realidade social.

Após a apresentação do cordel, é importante considerar alguns fragmentos do livro de Carolina Maria de Jesus, solicitar aos estudantes que se pronunciem diante das reflexões trazidas no livro, fazendo conexão com os aspectos históricos, sociológicos, antropológicos e literários da obra. Necessário também mostrar que o processo de inacabamento do ser humano é uma possibilidade de ajudar a pensar sobre si e sobre o contexto social em que se vive. De

acordo com Freire (1996, p. 50), “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.”

Tomar consciência da realidade atual para trilhar novas saídas é fundamental. Por isso, é importante solicitar aos estudantes que tirem fotos do bairro, por exemplo, mostrando os problemas e como atuamos mediante as dificuldades, proporcionando a construção da autonomia desses educandos e educandas, comparando com os estudos desenvolvidos. O diálogo intercultural favorece uma formação ampla. Nesse contexto, Amorim e Freire (2015, p. 44) afirmam que a interculturalidade:

[...] constitui uma proposta de diálogo. E o diálogo não pode acontecer sem a escuta e o reconhecimento do outro. Dialogar implica estar aberto a diversas formas de ser e estar no mundo. [...] A interculturalidade possibilita a superação de conflitos por parte das pessoas e o desenvolvimento pleno dos sujeitos em sua humanidade.

No decorrer do trabalho, os educandos e educandas apresentaram reflexões sobre as vivências experienciadas em sala de aula e a importância para a sua formação e para o processo de ensino e aprendizagem. O caso em análise foi desenvolvido com estudantes de Cursos de Licenciatura da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2020, através do ensino remoto, por consequência da pandemia Covid-19. Ao término das disciplinas ficamos satisfeitos com o processo vivenciado e com o enriquecimento cultural, a partir da troca das experiências diversas. Conforme salienta Moraes (2007, p. 33):

Sabemos que todo processo de formação docente depende do tipo de experiências vivenciadas nos ambientes de aprendizagem. Portanto, é um saber docente que depende da qualidade das vivências ocorridas em sua trajetória profissional, como também de uma realidade que, além de educacional, é também de natureza biológica, psicológica, cultural, política e social no seu sentido mais amplo. Isto indica que o saber docente depende, prioritariamente, do saber das experiências desenvolvidas nos ambientes educacionais e que acontece pelo simples fato de se ter um corpo dotado de diversas capacidades sensório-motoras – ativadas a partir de ações no contexto em que atua.

Uma prática educativa pautada em diversas linguagens e experiências promove uma educação em que o diálogo é contínuo e uma capacidade de pensar o conhecimento de forma integrada, unindo teoria e prática. Acreditamos no poder das palavras, pois, quando bem usadas, têm o potencial de trazer reflexões profundas sobre o conhecimento que está sendo apresentado. A palavra dita em forma de arte, por meio de uma literatura engajada, permite dar sentido ao que somos e ao que acontece à nossa volta. Conforme salientamos ao longo do texto, esperamos

que a vida vença a morte e que sejamos capazes de construir uma sociedade mais justa e humana.

Considerações (in)conclusivas

Partimos do pressuposto de que a educação oferece um suporte reflexivo emancipatório para a formação docente. Na condição de professores e professoras, permitimos problematizar a finalidade da educação, os diferentes momentos históricos e as contradições de nossa sociedade. Também entendemos ser possível discutir a diversidade e as diferenças por diversos caminhos e possibilidades. Nessa perspectiva, a reinterpretação dos cordéis e a leitura crítica do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Maria de Jesus, ajudam a refletir sobre quem somos para que possamos repensar a nossa identidade.

Diferentemente de uma educação, tão somente abstrata, permeada por sujeitos neutros, apolíticos e extremamente racionais, apenas exercendo uma profissão, lutamos para formar pessoas que acreditem na transformação do mundo em meio ao caos no qual vivemos. O objetivo do trabalho foi instigar o educando e a educanda a ver e a compreender a vida como um locus de conflitos, contradições, faltas, mas também como um espaço de emancipação, de riqueza e de construção de uma sociedade em que as pessoas sejam valorizadas como seres humanos em sua plenitude e em sua integridade (OLIVEIRA; AMORIM; PIZZI, 2018).

Do ponto de vista estético, utilizamos as diversas linguagens para instigar os estudantes a pensar na educação escolarizada, em que a vida seja elemento central do seu fazer pedagógico, do seu pensamento e o guia para a transformação. A educação pautada nessa perspectiva não pode tomar o processo de ensino-aprendizagem como algo apenas cognitivo, mecânico, racional e abstrato.

As vivências de formação precisam questionar o modelo educativo atual, pois esse não atende mais às demandas de uma sociedade em constante transformação, permeada por conflitos diversos, carecendo de debates que possibilitem a criação de um outro paradigma. Faz necessário pensar em uma formação na qual a teoria e prática caminhem juntas, instigando os sujeitos a olhar para a sociedade, para o outro, mas também para si, questionando quais valores estão fazendo parte do seu fazer. Perguntar o que cada um de nós precisa mudar em si mesmo

é fundamental para essa nova era em que estamos entrando (OLIVEIRA; AMORIM; PIZZI, 2018).

O uso da literatura e do cordel em sala de aula, envolvendo temáticas que promovem uma reflexão sobre a identidade do educando, pode colaborar para o seu empoderamento e pertencimento. Com isso, consideramos que o sentimento de pertença é basilar para a afirmação de sua identidade, vinculando-se a individualidade ao coletivo e, ainda, que o processo de construção dessa identidade se dá pela apropriação cultural e de forma consciente. A afirmação dessa identidade permite que reescrevamos a história dos milhões de educandos negros do Brasil, “dando voz” aos que, historicamente, foram silenciados. Para isso, é necessário valorizarmos a história afro-brasileira, com base nas experiências e escrevivências dessa população, articulada ao seu fazer, à sua prática e ao seu contexto.

É possível dizer que trabalhar o currículo por meio de diferentes linguagens possibilita novos olhares para o mundo e para a sociedade. Essa não é uma tarefa fácil, pois fomos educados em uma perspectiva positivista em que a razão, a disciplina e a ordem são conceitos que orientam o nosso trabalho. Logo, precisamos utilizar novas práticas e novas possibilidades de aprender e ensinar. Como afirmamos anteriormente, *da violência que marca gerações e produz muita dor e desesperança nascem sempre pessoas corajosas que contribuem com a nossa história, deixando um legado imensurável às futuras gerações. Isso se chama vida.*

Referências

AMORIM, Roseane M.; FREIRE, Eleta C. A literatura como fonte de inspiração para a construção de práticas curriculares interculturais. *Revista Lugares de Educação*, Bananeiras, v. 5, n. 10, p. 6-19, 2015.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, 20). Disponível em: <<https://www.academia.edu/32656263/BRAND%C3%83O>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *O que é Covid-19*. 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

CAMINHOS da reportagem: Carolina de Jesus, a escritora além do quarto. [S. l.: s. n.], [2016]. 1 vídeo (25min01). Disponível em: <<https://youtu.be/6AvUP-IoYEo>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CAROLINA: uma biografia. [S. l.: s. n.], [2020]. 1 vídeo (4min26). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6P_q9O3VtIU>. Acesso em: 14 mar. 2021.

COSTA, Elizabete Cristina da. Educar para a condição humana: a concepção de Edgar Morin e a educação religiosa. *Caminhando*, v. 9, n. 1, p. 151-161, jan.-jun. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/MARIAP~1/AppData/Local/Temp/1312-2371-1-PB-1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

DANTAS, Audálio. Prefácio. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

GOMES, Nilma L. Diversidade cultural, currículo e questão racial. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia M. A.; SILVÉRIO, Valter R. (Org.). *Educação como prática da diferença*. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

GRILLO, Maria Ângela F.; LUCENA, Kalhil G. M. O cordel e o ensino de História: possibilidade de uso e conhecimento histórico a partir da literatura de cordel. In: SILVA, Gian C. M.; GOMES, Gustavo M. S. (Org.). *Memória, história e cordel em Alagoas*: temas, práticas e experiências. Maceió: Edufal, 2014. p. 89-112.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*: a perspectiva de Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Prefácio de Audálio Dantas. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MORAIS, Maria Cândida. A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22 p. 13-38, set./dez. 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2000.

OBEID, César. *O que é a literatura de cordel*. [S. l.: s. n.], [2014]. 1 vídeo (6min52). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=80eX1e0NVzw>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

OLIVEIRA, Adelayde, R. Alcântara d; AMORIM, Roseane Maria de; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Disciplina Profissão Docente em um curso de Pedagogia: trajetórias, experiências e inovações na formação Docente. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 12, n. 1, p. 263-278, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2114/683>>. Acesso em 20 de março de 2021.

PERPÉTUA, Elzira Divina. A proposta estética em Quarto de despejo de Carolina de Jesus. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 255-266, 2.º sem. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/MARIAP~1/AppData/Local/Temp/Dialnet-APropostaEsteticaEmQuartoDeDespejoDeCarolinaDeJesu-5821925-1.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13- 39.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVIA MARIA. Por que o Brasil precisa ler Carolina Maria de Jesus? *CartaCapital*, 19 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/por-que-o-brasil-precisa-ler-carolina-maria-de-jesus/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ⁱ Para um maior aprofundamento, ver o vídeo Caminhos da reportagem: Carolina de Jesus, a escritora além do quarto (2016). Disponível em: <<https://youtu.be/6AvUP-IoYEq>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

ⁱⁱ Para uma análise da vida e da obra de Carolina Maria de Jesus, ver o vídeo Carolina: uma biografia (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6P_q9O3VtIU>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ⁱⁱⁱ “Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. [...] Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida de pessoa a pessoa”. Fonte: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 22 de julho de 2020.